

Debate. Sessão 3

■ LARA BACELAR ALVES

Vamos então passar para o debate. Há algumas questões que queiram colocar?

■ ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Eu vou ser breve. Uma vez que o Fernando Carrera apresentou agora a sua comunicação... Eu vou-te por uma questão muito simples. Eu recordo-me na Mota Grande de ter posto em relevo uma técnica muito particular que é a da escolha de um granito com uma pegmatite rósea muito superficial; e a técnica de execução que penso que não terás apresentado aqui — pelo menos, eu não me apercebi — que é muito particular que é de fazer uma finíssima picotagem sobre o esteio no sentido de por em relevo a pegmatite vermelha, que não necessita de ser pintada e que sugere exactamente uma pintura. E é um particularismo muito especial desse notável dólmen que devia ser meio português e meio galego... E que nos foi roubado pela Espanha! Obrigado!

■ FERNANDO CARRERA RAMÍREZ

No, efectivamente no he hablado de eso pero he dejado de hablar de muchas técnicas y de muchos sitios. He puesto un ejemplo parecido a lo que tú estás proponiendo: hablé de Picoto do Vasco. En este caso, aparece el blanco en vez del rojo que tú propones. En todo caso, Mota Grande, por ejemplo, yo quisiera excavarla y documentarla bien antes de hacer la clasificación de técnicas artísticas que posee. En todo caso, no sólo esa no está cerrada, sino que con esa estamos hablando de tres, cuatro o cinco técnicas en un sólo monumento. Pero igualmente interesante es la que está propuesta — que tampoco la he citado — para Portela do Pau. Sólo son hipótesis y habría que documentarlas, pero [para] Portela se puede proponer ese piqueteado fino de esos ondulados que publicó António, tan finísimos... Sobre la mancha identificamos, puede existir — hay estos niveles de lo que es verdad y lo que es mentira es difícil a veces — una pintura negra previa aplicada sobre la losa y que después el picoteo deja en blanco ese ondulado que de otra forma si no hay ese contraste cromático apenas se vería. Entonces, bueno, he dejado, insisto, muchos yacimientos y muchas técnicas específicas por citar, porque son muchos monumentos y [es] muy complejo el asunto.

■ JOÃO CARLOS CANINAS

Bom dia! Vou introduzir muito rapidamente três questões a cada um dos intervenientes! Questões, comentários, enfim, informação... Começando pela Prof.^a Primitiva Bueno, de facto os seus contributos nestes anos têm sido extremamente úteis pela abertura de perspectivas e de olhares mais complexos e mais abrangentes sobre as grafias rupestres, sobre o megalitismo. O caso que nos apresentou, que destacou, da presença de estelas e de menires em dólmenes obriga-nos naturalmente, melhor, estimula-nos a olharmos com atenção — e estou a pensar concretamente nos trabalhos que temos feito na margem norte do Tejo, na região de Castelo Branco, do Tejo Internacional, com o Francisco Henriques aqui presente e com outros colegas — enfim, neste momento nós estamos a caracterizar com um bocadinho mais de detalhe aquelas centenas de dólmenes e mamoaas que temos vindo a encontrar nos

últimos 20/30 anos. E de facto é mais frequente do que se possa imaginar a presença de elementos singulares nas estruturas ortostáticas. E particularmente, recordo a presença de elementos longilíneos, nós diríamos mesmo meníricos, com a forma de pequenos menires, que é muito interessante no contexto daquilo que disse. A comunicação da Prof.^a Primitiva Bueno é estimulante porque nos obriga a olhar com muito mais atenção para essas realidades — a presença de elementos que podem estar na tal génese das estelas e dos menires, na precedência do megalitismo. De facto, eles estão presentes. Lembro também — a Prof.^a Primitiva Bueno também viu o caso — do esteio de cabeceira da anta da Forca Velha do Rosmaninhal que, enfim, é o esteio que melhor se conservou. Os outros eram esteios de xisto, uns filitos muito friáveis que se desfaziam como livros. Mas o esteio de cabeceira é uma estela antropomórfica, claramente. Penso que se recorda — e aliás até fotografou e já citou num dos seus trabalhos — desse elemento. Segunda questão — para a Prof.^a Maria de Jesus Sanches. Eu penso também que é intenção desta mesa-redonda — e isso era muito útil para nós que estamos banhados por apropriações e utilizações as mais díspares da nomenclatura sobre a arte rupestre, sobre as grafias rupestres — convencionarmos, tentarmos estabelecer uma convenção, padronizarmos mais os conceitos, de pictórico, pictográfico, de grafia, arte... Penso que seria um contributo muito interessante para próximas mesas-redondas e aí, talvez mais com um fim de mesa-redonda, tentarmos estabelecer algumas convenções no sentido de nos entendermos melhor com uma linguagem comum, porque de facto cada um de nós... nos apropriamos e fazemos interpretações e utilizações e convenções de toda esta nomenclatura. Portanto, na linha da comunicação da Prof.^a Maria de Jesus Sanches, eu acho que era extraordinariamente útil — eu estou quase a sugerir que se faça um manual — um documento com directrizes para pelo menos a comunicação entre nós ser mais fácil, sem prejuízo das pessoas seguirem direcções diferentes, abordagens diferentes. Finalmente, em relação à intervenção do Doutor Fernando Carrera, a questão das fontes de matérias-primas utilizadas nos dólmenes é algo que nos interessa mas em regra, nos trabalhos que temos feito, não temos tido a possibilidade de, por razões estritamente financeiras e de dinheiro, de ir à procura das origens. Em muitos casos temos a percepção que é mais ou menos compatível com o que apresentou de uma utilização expedita de matéria-prima próxima. Mas é evidente que isto resulta de uma observação visual, digamos que é uma observação que tem de ser demonstrada por um geólogo. Agora, temos um caso giríssimo que logo que tenhamos o relatório completo ou a publicação feita, eu vou enviar. Espero não me esquecer. O Francisco Henriques me lembrará também disso. Temos estado a escavar um dólmen na Cordilheira Central, na zona de Oleiros, a cerca de 900 m de altitude e é uma mamoa com uma couraça pétrea muito significativa e que pode ser olhada de um ponto de vista processual e contextualista porque — e verificámos isso depois de termos feito a marcação da área de trabalho — o centro geométrico da nossa escavação estava perfeitamente alinhado com um afloramento linear de grauvaques — a matéria-prima que foi utilizada... Portanto, tínhamos ali a cratera, a pedreira que serviu para a construção daquela couraça pétrea. Julgávamos que era um *cairn* mas a escavação demonstrou que mais uma vez todo aquele empedrado era superficial e tínhamos por baixo um núcleo de argila. Mas o centro geométrico da nossa escavação arqueológica — o ponto a partir do qual tentámos estruturar toda a área de trabalho — estava perfeitamente alinhado com um afloramento linear de grauvaques com uma orientação subvertical. É uma imagem lindíssima! Uma das imagens que tirámos foi a partir do afloramento com a mamoa centrada no campo de visão. Isto do ponto de vista da Arqueologia Contextual é matéria interessante mas há também do nosso ponto de vista uma utilização expedita de matéria-prima próxima. Temos aqui uma distância de 20 m talvez entre o dólmen e o que sobra do afloramento desmontado. Obrigado!

■ PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ

Bueno, pues empezaré yo por el orden de las preguntas. Creo que en el caso concreto que se refería al área del Tajo Internacional no puedo estar más de acuerdo. Efectivamente, hay muchísimas referencias de piezas de carácter antropomorfo en esos monumentos, con la mala suerte de que han tenido una historia francamente lamentable de abandono bajo muchos aspectos y de una inversión económica muy pobre. La situación de un conjunto como el extremeño, que quizás es uno de los conjuntos megalíticos más importantes de toda el área suroccidental y su nivel de investigación es realmente penoso. No hay ningún tipo de subsidios que se aporten en esa dirección. Lo poco que hay hecho desde los años ochenta hasta acá lo hemos hecho nosotros con muchísimas dificultades y con el apoyo de los ayuntamientos. Nuestro equipo va en la dirección de proponer comportamientos complejos en las construcciones megalíticas que incluyen desde sus momentos más antiguos hasta los más recientes. Yo creo que una de las cosas que ha dejado Fernando Carrera encima de la mesa casi sin mencionar — un plano gallego sutil — es algo que también sobrevuela y que no podemos negar, ni cerrar los ojos a ello y es la realidad de una tipología arquitectónica de carácter evolutivo que efectivamente funcione en todas las áreas megalíticas de la Península Ibérica. Eso es una cuestión sobre la que concretamente nuestro grupo de investigación ha peleado bastante. No vamos a arreglarlo ahora, por supuesto que no. Pero desde luego, parece claro aún que sea sólo por la comparación de las cronologías del carbono catorce que en el mismo momento de mediados del V milenio donde se están haciendo cámaras sin corredor en el área occidental, tenemos cámaras con corredor en el centro, cámaras con corredor en Alentejo. Quiero decir, que la cuestión es mucho más compleja! Y que irá siendo más compleja a medida que nuestros datos sean más perfectos, más puntillosos, o tengamos lecturas mejor estructuradas de todos esos mecanismos. Yo sí, les puedo aportar como dato muy, muy reciente de esa excavación que comentaba de Extremadura, que tenemos documentada una cámara con corredor que se desmontó — tenemos las losas rotas — para reducirse y hacerse una cámara más pequeña, una cámara simple configurada por estelas, todas ellas distintas, que probablemente se han traído de monumentos quizás cercanos. Tenemos una fecha de referencia de la primera mitad del IV milenio para el primero de los monumentos., Otra del III milenio para el segundo de los monumentos. Sobre su *tumulus* se hizo un nuevo *tumulus* con un enterramiento con estela para el que tenemos una cronología de principios del II milenio y no pudimos excavar — no obtuvimos permiso para hacerlo — pero tenemos dos tumbas de incineración para las cuales ya tenemos una fecha del primer milenio y probablemente sería también un cementerio con estelas. Quiero decir que esa idea de pervivencia de cementerios ancestrales que se originan en momentos antiguos, quizás a partir de menhires o estelas previas, se puede leer ahora — o tiene un argumento de lectura — a partir del análisis de las decoraciones pintadas, grabadas, etcétera que las caracterizan.

■ MARIA DE JESUS SANCHES

Eu até me distraí a ouvir... Agora sou eu a responder! João, puseste-me uma questão muito complicada. Fizeste a pergunta a mim. Podias ter feito a outra pessoa qualquer [risos] aqui nesta sala a outra pessoa já mais treinada na investigação... Padronização de termos e de conceitos... Bom, desde o início da História dos estudos da arte rupestre, da arte megalítica e da Arqueologia em si houve tentativas de definir conceitos, de definir termos. Às vezes o termo não é propriamente definido em si mas pela sua utilização continuada percebe-se qual é o seu âmbito. Mas, claro, o próprio Henri Breuil estabeleceu uma terminologia, por exemplo para o tipo de traço e falei do Henri Breuil porque tivemos hoje aqui uma comunicação do Fernando Carrera que também tratou de técnicas e ele também pode definir de uma forma

muito clara técnicas. Isto é, quando falamos de técnicas, eu acho que há uma maior facilidade de definição de terminologia. E acho que sim, que nessa medida, nós poderíamos, com base na experiência, tentar uniformizar, deixando sempre em aberto as possibilidades de que apareçam, evidentemente, novos... Não é novos termos, os novos termos aparecem porque aparecem novas realidades arqueológicas e, portanto, se elas aparecem de novo, elas têm que ser descritas. Para as técnicas parece-me mais simples. No entanto, aquilo que é mais conceptual acho muito complicado! Acho muito complicado e até falacioso. Embora eu ontem por acaso tenha falado aqui da questão do mitograma/pictograma porque realmente sem explicação muitas vezes uns autores começam a empregar um termo que tem um significado preciso para o nosso mundo ocidental — formado no Ocidente — como é o nosso caso, por exemplo, para a palavra pictograma — que é um conceito definido pelo Leroi-Gourhan — e quando começamos a ver literatura anglo-saxónica ou literatura vinda da Austrália por exemplo, que os investigadores mais jovens lêem, vemos que a palavra pictograma significa para eles simplesmente uma técnica, é uma técnica — pintar um grafismo. E, portanto, como não há esta clareza... Realmente, eu acho que poderíamos, sim, fazer um pequeno grupo de pesquisa entre nós para definir alguns termos e até para os contrapormos a um dicionário de terminologia que já existe, publicado pela IFRAO em 3 línguas ou 4 — até inclui o russo! No início quando o comecei a ver eu pensei: “Ai, que bom! Está aqui qualquer coisa que é muito útil para os meus alunos!” Mas depois, ao ler as definições dos termos, eles são extremamente redutores e às vezes até deturpadores do sentido. Nós finalmente temos aqui uma historiografia de investigação que foi criando, moldando e afinando conceitos que devemos manter, isto é, que devemos manter no sentido de que devemos manter essa memória e transformar a nossa terminologia em função dessa memória e do conhecimento que nós fomos criando. E não entrarmos nesta rapidez — hoje é tudo muito imediatista! Hoje vai-se à *net* procurar a definição de algo e já está! E, portanto, não entrar neste imediatismo em que parece que qualquer termo pode ter uma definição precisa. Ora, nós vemos que isso não é assim! Por isso é que há tantos dicionários e as pessoas quando citam dicionários fazem questão de dizer: ou é da Lello, ou é da Larousse! Enfim, estão, no fundo, até a indicar a qualidade, a autenticar a ideia pelo local onde a foram buscar. Isto era só para chegar a esta ideia de que não me parece muito útil essa criação de uma espécie de dicionário porque não funciona neste momento. Mas alguns termos, acho que sim, que podem ser precisados. É muito importante que os investigadores quando decidem utilizar um termo novo, ou criar um termo novo, explicitem muito bem em que acepção o estão a fazer. É mais isto. Penso que isso funcionaria melhor. Estou aqui com outros investigadores na mesa que também podem dar a sua opinião, creio eu, relativamente a esta questão da criação de uma terminologia. Não sei se querem dar um contributo ao debate.

■ PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ

Es que me parece la misma cuestión que nos sucede en tantísimos otros períodos de la Prehistoria en general. Ya Guilaine en los años cincuenta hacía un trabajo quejándose de que no había manera de conjuntar todas las [terminologías] que existían. Yo creo que habría por lo menos dos puntos de mínimos: utilizar una terminología que tiene una tradición, o cuando menos argumentar la terminología en relación con la tradición que existe. Me estoy refiriendo ahora a cuestiones de técnicas en el ámbito del arte rupestre. Cuando en el ámbito del arte postglaciar se utilizan “palabros” — que llamamos nosotros en castellano — es decir, cosas que uno inventa y en general se las inventa porque no sabe que existe ya un término apropiado para la definición de esa técnica. Sí, yo intentaría utilizar terminologías que tienen una trayectoria y si no se usan, explicar porqué, y en el caso de que no tengas una terminolo-

gía definida en ese aspecto, pues, como se aconseja para cualquier otra metodología arqueológica, explicar qué es lo que tu entiendes utilizando esa palabra. Pero unificar terminologías es una tarea imposible. Yo diría más, ni siquiera demasiado interesante. Porque creo que en el uso de distintas terminologías lo que se está proyectando son distintas visiones que son las que todos tenemos. Así que me parecería un tanto dictatorial proponer una única terminología porque acabaríamos con esas visiones distintas. No me parece mal. Creo que lo que sí es importante, es establecer cada vez que se hace un trabajo, igual que se establece su metodología arqueológica, dejar por escrito porqué cambiar nombres a unas técnicas que siempre se han llamado de una manera.

■ FERNANDO CARRERA RAMÍREZ

Bueno, yo debería contestar también a João, con independencia de que estoy muy de acuerdo con las dos. João, en relación a la cuestión de la caracterización de las rocas y de las canteras, de toda esa cuestión. Una vez más, un poco en la misma línea de lo que le contestaba a António, obviamente no he presentado más que el principio del estudio. Pero sólo eso, sólo el trabajo con la identificación de las rocas nos dio pautas enormes para interpretaciones culturales o históricas. De manera que es un análisis muy simple, en términos de metodología. Sí, te exige un geólogo de mano. Pero también te propongo una cosa. De momento empieza a coleccionar tus rocas y cuando tengas veinte las identificas. A veces ese hacer todos los análisis al mismo tiempo puede resultar complejo, costoso, *etc.* Pues... simplemente, que efectivamente es un nivel de análisis tremendamente interesante que se viene a completar a los otros que yo planteaba hoy un poco más en detalle, que es la tecnología artística y no el del tipo de roca, el de la datación radiocarbónica, el del tipo de arquitectura... Al final, es todo un puzzle al que vamos sumando piezas.

■ RAMÓN FÁBREGAS VALCARCE

Simplemente era un comentario. Ao longo de estes dous días vexo que hai interesantes converxencias nas distintas propostas, nas distintas conferencias que se fan. Eu xa, por exemplo, véxoo na cuestión da biografía dos monumentos... Tanto Mimí como agora Fernando - de unha maneira un pouco moito mais coitada, correspondendo ao seu carácter de galego adoptivo - veñen defender... Desde logo, quería comentar tamén unha cousa con relación á proposta de Mimí: algúns dos que traballamos cos gravados galegos, cos petróglifos, non consideramos ou non abordamos este estudo, intentamos non facelo desde unha perspectiva, chamémoslle galo-céntrica, galicio-céntrica, ou algo así. Consideramos, de feito, que este é un fenómeno que está recollendo influxos ou ideas, ou que forma parte, quizáis tamén en algúns casos, dun substrato moi amplo que se vai por algúns elementos cara ao Cantábrico, por outros cara ao Sul e cara á Meseta. Penso que a proposta que ela fai de, chamemos-lle así, “quebrar fronteiras”, paréceme moi adecuada. Mas non obstante creo — agora vou facer de galego — creo que algo hai. [risos] Nese lío concordo con ela mas penso que hai que ter... teño algo de reserva respecto a que pode dar impresión que todo é semellante ou que todo responde a un substrato semellante. É simplemente ese matiz.

■ PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ

No. No me gustaría que el género de propuesta que hemos planteado aquí se entendiera como un “vale todo”. No, no es eso y tú lo sabes perfectamente. ¡Y no me seas tramposo! [risos]. Se trata de plantear que, en general, durante muchísimo tiempo hemos tendido a investigar para singularizar y que el arte megalítico — que nos propone un contexto funerario concreto con unas cronologías concretas y con una adscripción cultural específica para los

grupos que han poblado la Península Ibérica — incluye elementos que nos permiten plantear la realización paralela de muchos de esos “artes” que hemos singularizado. Es más una llamada de atención o una reflexión general para valorar hasta qué medida podemos hacer cantones con algunos de esos “artes”, como es el título de la reunión. Es evidente — yo ponía de entrada el ejemplo del arte paleolítico — que no es lo mismo lo que se hace en la cueva de Rouffignac o lo que se hace en la cueva de La Pasiega. Todos los investigadores están de acuerdo en entender que bajo esos símbolos existe una ideología común, “compartida”, que en cada una de las zonas se desarrolla con técnicas más o menos específicas, sobre soportes propios, etcétera, etcétera. Y de alguna manera, lo que nosotros pretendemos es [realizar] una reflexión global sobre esos compartimentos estancos de una Península Ibérica llena de fronteras que han ido sumando, por un lado, las fronteras ideológicas aplicadas a las culturas de la Prehistoria Reciente — el Neolítico, la llegada del metal, el bronce, etcétera — más las que se han visualizado a partir de las técnicas, a partir de los temas, de tal manera que se hace una amalgama de fronteras que impide el movimiento intelectual — vamos a llamarlo así — que vaya más en la dirección de lo que entendemos por la Historia, por una reconstrucción más global. E insisto, de ninguna manera, pero en absoluto, me parece que todo sea lo mismo, porque es evidente que además no lo es. Es evidente que no lo es, pero las pautas, por ejemplo, de ubicación de algunos elementos — como hemos estado comentando — y los temas que integran los contextos funerarios que tienen discursos propios y muy elaborados, apuntan más a una valoración más integral que tan singular. No digo “nada singular”, digo que “tan singular”, solamente. Y creo que es una de las reflexiones que a partir del trabajo de los últimos años afloran cada vez más. Por ejemplo, del lado francés es interesantísima la documentación de los últimos años. Tenemos grabados piqueteados al aire libre, tenemos círculos concéntricos, es decir, temas atlánticos grabados en los dólmenes publicados recientemente por Benieyx, menhires, cromlechs y agregaciones. Nuestras fronteras intelectuales nos han impedido percibir cuestiones más integrales que enriquecerían nuestro planteamiento de la simbología postglaciar, simplemente. Pero no, que no haya nada, nada de singular en los petroglifos gallegos.

■ JOÃO PEDRO RIBEIRO

Bom, eu sei que já não temos tempo e aquilo que eu pretendo fazer é apenas fazer um comentário ao que a Prof.^a Primitiva Bueno disse, muito *en passant*, na resposta que deu a João Caninas, deixando a esse propósito um desafio.

Tem a ver com a circunstância de haver um conjunto de monumentos abandonados na zona da Extremadura, completamente descuidados, situação que também se verifica aqui, do outro lado da fronteira. Eu creio que numa mesa-redonda com estas características fala-se preferencialmente em teorias, interpretações e metodologias, mas esquece-se uma componente particularmente importante da qual os investigadores não se podem afastar, que é a preservação destes locais e os critérios que têm de presidir a tal processo.

Nestas mesas-redondas, e muito bem, fala-se essencialmente de teorias interpretativas, modelos, técnicas, metodologias, fazem-se reflexões particularmente importantes e pertinentes, mas o tema da preservação das realidades arqueológicas envolvidas é sempre pouco desenvolvido, por vezes mesmo ignorado. Mas se o alerta da Professora neste contexto é sem dúvida pertinente, ele não pode também ignorar a necessidade de a reflexão sobre o tema se estender ao problema de não se poder conservar a totalidade dos vestígios envolvidos, pelo que se torna imprescindível estabelecer os critérios em que tal conservação deve residir. Ora, a definição de tais critérios têm de se basear em princípios claramente científicos, a partir dos quais se deverá então desenvolver as políticas adequadas de preservação.

Eu lembro-me, por exemplo, de um excelente trabalho de estudo e valorização de uma necrópole megalítica, realizado há cerca de uma década não muito longe do local onde nos encontramos, que nos oferece alguns elementos de reflexão sobre o tema em causa.

A escavação, salvaguarda e valorização da necrópole megalítica da Serra de Leomil, no concelho de Moimenta da Beira, permitiu criar um percurso de visita apoiado na melhoria das vias de acesso e numa sinalética apropriada. Porém, nos anos subsequentes tudo permaneceu num marasmo completo, as estradas de acesso degradaram-se, a vegetação espontânea invadiu muitos dos monumentos e sem qualquer acompanhamento das visitas alguns deles foram mesmo parcialmente vandalizados.

Situações como estas tornam indispensável pensar em que condições é que se deve procurar assegurar a preservação de determinados monumentos e sítios arqueológicos, opção que deverá ser sempre acompanhada por um plano de sustentabilidade futura do projecto.

■ PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ

Me parece muy interesante lo que dices. Nosotros en los últimos años lo que estamos haciendo es trabajar con las entidades locales, los municipios, que en la actualidad son los únicos que parecen, en el lado español, haber tomado un poco la égida del interés por el patrimonio. Lo entienden como un recurso cultural de futuro y los proyectos que estamos haciendo son lo que se llama en esa zona proyectos de información arqueológica. Es decir, ellos tienen una serie de monumentos y necesitan ponerlos en valor para que sean visitables y nosotros hacemos la excavación, la información arqueológica que corresponde y un proyecto de conservación, de mantenimiento de esos monumentos en el que estamos colaborando con Fernando Carrera. Pero ese es un problema real y que existe — el tratamiento futuro de esos monumentos descubiertos.

■ JOÃO PEDRO RIBEIRO

Perfeitamente de acordo. Eu penso que do lado de cá podemos dizer exactamente a mesma coisa, na medida em que, em termos globais, o investimento em património está em cerca de 70% nas mãos das autarquias que são as entidades melhor preparadas para assegurar a respectiva valorização. A questão que é essencial e eu vou pôr outra vez o problema, sendo muito breve, é que nós não podemos salvar tudo.

■ PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ

Sí, sí, en eso estamos completamente de acuerdo.

■ JOÃO PEDRO RIBEIRO

E os critérios que presidem a isso muitas vezes têm de partir dos investigadores que sabem aquilo que é relevante para salvar e aquilo que não é relevante. É evidente que tem de haver uma comunicação com os responsáveis pela gestão destas questões. Mas isso é extraordinariamente importante e fica o desafio e até a crítica, ou autocrítica se quiserem, à realização desta mesa que deveria incluir esse debate. É importante que eventos científicos como este dêem atenção a tais problemas. Eles têm que ser discutidos nestes encontros e não em reuniões reservadas para os gestores do património. As pessoas que investigam não se podem pôr fora destes problemas mas contribuirão decisivamente para a sua solução.

■ MARIA DE JESUS SANCHES

Eu sei que estamos com pressa. Eu vou ser mesmo muito rápida. Quando falei com a Lara sobre a organização desta mesa-redonda nós sabíamos que não podíamos tocar numa só

mesa-redonda em todos os aspectos relativos nem à arte rupestre, nem ao património, nem à Arqueologia, e por isso decidimos criar um ciclo de mesas-redondas. Um ciclo! Esta é a primeira mesa-redonda do ciclo! E o seu tema é: paradigmas e metodologias de registo! Por sinal, anuncio desde já: um dos temas da mesa-redonda do próximo ano que se irá realizar talvez em Setembro/Outubro vai ser precisamente a preservação ou conservação e gestão de sítios com arte rupestre. Porque eu acho que não se pode discutir tudo ao mesmo tempo no mesmo momento. O tempo é limitado! Anuncio aqui já publicamente esse debate e convido todos os presentes a estarem na próxima mesa-redonda do ano que vem. Mas eu queria fazer também duas observações e por isso é que tinha pedido a palavra. Muito curtas. Isto deve ser frisado e repetido. Realmente, a Mimi Bueno disse e bem: “as fronteiras que têm sido criadas sobre as diferentes artes — a arte do Levante, os petróglifos galegos, a arte megalítica — são mais fronteiras do nosso pensamento”. Realmente há que não rechaçar, destruir tudo — com o que ela concorda — mas repensar numa outra dinâmica e essa outra dinâmica não se faz a partir de vistas do Google nem de SIG’s. Faz-se a partir de trabalho de campo — que ela tem desenvolvido e bem, como outros investigadores —, de trabalho de campo duro, com escavação, com registo, com publicação de tudo o que diz respeito à escavação e não somente os materiais mais importantes, mas sim publicações de pormenor da totalidade do que se recupera no registo. Eu sei que não é possível escavar tudo, mas tudo o que se escava deve ser publicado em pormenor — quer sejam sítios com arte rupestre, sítios sem arte rupestre —, com bases científicas sólidas. Porque, afinal, estas fronteiras do pensamento que nós temos na arte — porque esta mesa-redonda é sobre arte — são exactamente as mesmas fronteiras do pensamento que temos noutras áreas da Arqueologia (e não só da Arqueologia). Quem é que não ouviu e não lê ainda na bibliografia arqueológica do presente: a “cultura do vaso campaniforme”, o “horizonte das cerâmicas cardiais” e por aí fora. Isto é, a ideia de que as entidades arqueológicas têm correspondência com grupos etnológicos — ou etnográficos — que foi uma ideia que dominou a historiografia de quase todo o século XX. Isto é, a “civilização do vaso campaniforme” era um grupo, a “civilização das cerâmicas cardiais” — ou “metopadas”, ou outras — “era” um outro grupo que se entendia como étnico ou como “cultural” no seu sentido absoluto. A “civilização megalítica” era outro grupo étnico e por aí fora. Portanto, nós é que temos de aprender a pensar de uma outra maneira. Mas para pensar de uma outra maneira em termos de Arqueologia é preciso ir aos dados iniciais como diz Hubert Reeves. É preciso, e sempre, partir dos dados iniciais que melhor, ou pior, construímos a partir das observações de campo.

■ ANDRÉ TOMÁS SANTOS

Eu só queria precisar o caso concreto de que o Prof. João Pedro falou. Eu estive envolvido na fase final desse trabalho na serra da Nave enquanto trabalhador da empresa responsável por ele. É um caso interessante a diversos níveis. Primeiro, embora a Câmara Municipal de Moimenta da Beira não tenha potenciado as visitas à necrópole, o que é certo é que a Orca de Seixas — que foi o único monumento a ser intervencionado, mais nenhum o foi — está melhor agora do que estava, mesmo que não seja visitada por ninguém. E eu todos os anos tenho ido à serra da Nave visitar a necrópole e nunca vi traços de vandalismo. Relativamente às estátuas, estamos perante uma outra situação e que demonstra que isto de entregar a gestão do património às autarquias é um pau de dois bicos — se a autarquia funcionar bem é bom, se a autarquia funcionar mal é mau! Uma das estátuas está *in situ* e acho que é lá que deve ficar, a outra — que é magnífica e está em curso de publicação — não foi encontrada *in situ*. Após ter sido avisada, a Câmara Municipal de Moimenta da Beira ficou de a ir buscar, coisa que nunca fez. Depois, a Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva, quando ainda man-

tinha o projecto de instalação de um Museu do Alto Paiva — quando este museu ainda era um projecto a sério — comprometeu-se a ir recolhê-la. Mas o executivo mudou, a política mudou e a estátua lá está ao “deus-dará” junto às obras de uma capela. E tudo isto, neste caso, se deve à excessiva dependência do poder autárquico...

■ ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Perdi um bocado a oportunidade porque na sequência do que estava a dizer o João Pedro, e eu concordo quase em absoluto... ia propor exactamente aquilo que a Jesus disse: que o próximo encontro se dedicasse, ao invés do que o João Caninas tinha proposto — um encontro de reflexão sobre terminologias, técnicas *etc.* —, precisamente sobre a conservação e preservação *in situ*, *in loco* de sítios rupestres. E de maneira que reforço aquilo que disseste. E relativamente à proposta do João Caninas, já agora aproveito... Acho que quando terminaste a tua conferência com a citação do George Nash, a resposta está lá. Cada investigador tem a sua fenomenologia. E já agora, também, dou-vos um bocadinho mais da minha própria experiência — sou o mais velhinho aqui se calhar nestas coisas, fora o Rodrigo, claro, que em 69 já fazia umas coisas, pelo que nos disse ontem. Eu, em 75, recordo-me de estar em Val Camonica num congresso — num colóquio, num seminário — exclusivamente dedicado a isso: tentativa de uniformização da terminologia para a arte esquemática. Não deu nada, como não tinha nada que dar, porque toda a gente tem a sua própria terminologia. Isso é impossível! Mas também reforço as palavras da Mimi quando disse que, por exemplo, em França existe o Grupo de Reflexão para a Arte Paleolítica, que publicou uma excelente monografia onde muita dessa terminologia, nomeadamente a caracterização das espécies de animais, tudo isso, os signos e tudo mais, está mais ou menos estabelecido. Portanto esse encontro é perfeitamente inútil. De facto, não. João, desculpa lá mas não pode ser. Agora o outro, acho muito bem.

■ JOÃO CARLOS CANINAS

A questão que eu introduzi foi um contributo para o debate e, portanto, vale só por isso. Pode também ser um problema de deformação profissional. E é também um problema de objectividade, porque todos nós temos consciência, e é essa para mim a questão mais importante, que por vezes o entendimento não resulta. As pessoas estão a falar da mesma coisa mas não se entendem porque utilizam conceitos diferentes. Isso obriga-nos a fazer um esforço que eu consigo fazer numa tese mas não num artigo científico e que é definir todos os conceitos que utilizo. Quando estou a falar de grafia, estou a falar de quê, quando utilizo este conceito de santuário estou a falar de quê, não é? Porque se não estabelecermos referências conceptuais para as palavras-chave que utilizamos ao longo de um discurso que é um artigo de uma revista, estamos a gerar problemas de desencontro e problemas de comunicação muito sérios. E esses são os problemas essenciais. Muitas vezes estamos aparentemente em desacordo, mas estamos a falar da mesma coisa e com a mesma perspectiva. Mas utilizamos palavras com sentidos diferentes. Não é um problema de uniformização, porque depois cada um de nós pode dizer: eu quando estou a falar destes conceitos estou a falar da proposta de directrizes XPTO e pronto, já sabemos do que é que estamos a falar. Eu sinto essa necessidade de objectividade, de dizer: estes conceitos que utilizo neste discurso têm estes conteúdos, que fique claro para nos entendermos claramente. O problema é este, não é um problema de espartilhamento e que de facto, esse é impossível. Porque é impossível criar uma uniformização, eu já nem falo a nível mundial nem a nível europeu. Falo, por exemplo, ao nível da Península Ibérica. Temos aqui, de alguma forma, um espaço de continuidades que merecia que ao nível da objectividade das palavras e dos conceitos que falássemos claro. E falar claro

não significa espartilhar, uniformizar, porque cada um de nós tem a opção de utilizar aquele conjunto de conceitos. Eu vou dar apenas um exemplo que é o de uma área menos subjectiva que a nossa. Na área da Ornitologia, um amigo nosso — o Hélder Costa — depois de várias convenções para designação de aves decidiu recuperar termos antigos da designação de aves. Vou dar apenas o exemplo do famoso abutre do Egipto que no passado era designado apenas como britango. E, portanto, ele fez uma proposta que foi muito discutida, foi rejeitada por alguns biólogos professores da Faculdade de Ciências, mas de qualquer maneira a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves publicou aquela proposta e aquele conjunto de investigadores que se revêem naquela proposta reportam-se àquele conjunto de designações — neste caso, é muito mais simples o que está em causa. Era disso que estava a falar. Para falarmos claro e nos entendermos de uma forma clara e para ultrapassarmos este problema da comunicação que é estarmos a utilizar as mesmas palavras com sentidos diferentes. Era nesse sentido que eu queria introduzir a questão. Parece-me mais simples do que foi entendido. Nem sempre nos fazemos entender claramente.